

## OCTAVIO IANNI – O MESTRE

Sinto-me muito honrada pelo fato de equipe de pesquisadores do CERU ter atribuído a mim a tarefa de dedicar algumas palavras de adeus a este grande sociólogo e intelectual brasileiro, falecido dia 4 de abril do corrente ano.

Muitos de nós fomos seus alunos em sala de aula, outros, como eu, somente por intermédio da leitura de suas obras ou nas discussões por ocasião dos congressos de Ciências Sociais e outras reuniões acadêmicas, tendo em vista a sua aposentadoria imposta pelo regime autoritário no final dos anos 60, fato que aumentou a nossa consideração e aguçou nosso interesse, aprendizes de feiticeiro na época, pela sua obra.

Ianni não foi um mestre somente de sala de aula, ele deixava transparecer o prazer de revelar sua visão de mundo e transmitir seus conhecimentos. Era prazeroso assistir a ou ter a honra de participar de uma banca de tese ao lado do mestre ou, simplesmente, assistir a sua argüição pela crítica criteriosa e palavras de incentivo que ele dirigia aos pesquisadores iniciantes. Eu tive a felicidade de contar com ele no júri da minha tese de doutoramento na pós-graduação do Departamento de Ciências Sociais na FFLCH da USP. Suas palavras estão guardadas na minha mente e coração e foram grandes incentivadoras da minha carreira de professora/pesquisadora.

Mesmo nos momentos festivos, jantares, coquetéis e reuniões de fim de noite, por ocasião dos nossos congressos, Ianni estava sempre rodeado de estudantes. Foram momentos inesquecíveis de bate-papo e aprendizado descontraído. Ele contava piada, fazia comentários e críticas mordazes e incisivas aos participantes do espaço de poder no campo acadêmico e à institucionalização da Sociologia, o que nos deixava fascinados e nos ensinava o equivalente a muitas horas de aulas convencionais.

A obra do professor Ianni nos transmite ensinamentos que foram lembrados nas inúmeras homenagens que intelectuais, colegas e estudantes lhe prestaram por ocasião de seu falecimento. Não temos condições de nos referir a todas essas esclarecedoras lições, mas ousamos citar algumas lições básicas que nos ocorrem neste momento, que estão registradas em anotações esparsas no meu caderno de estudante e pela importância que eu a elas atribuí e que me acompanharam e me acompanham nestes 30 anos de carreira acadêmica.

E' incomparável a interpretação que o mestre faz em sua obra da sociedade brasileira e latino-americana mediante de um exame rigoroso das manifestações de

dependência cultural, colocando em evidência, sobretudo, os conteúdos ideológicos que contêm. Como a ciência reflete as peculiaridades da dependência estrutural e histórica que caracteriza as sociedades latino-americanas e as implicações científicas e extra científicas de determinadas modalidades de intercâmbio entre nossos centros acadêmicos e os dos países dominantes, em particular os Estados Unidos. Como o conhecimento da realidade social não deve prescindir de uma análise crítica das interpretações que podem encobrir essa mesma realidade, sobretudo, a atenção a ser dada para as interpretações que implicam uma segmentação do real, particularmente a interpretação do desenvolvimento econômico que não pode separar relações econômicas e políticas, à medida que o problema do desenvolvimento diz respeito às formas de acumulação e repartição da riqueza, que envolvem direta e profundamente as relações políticas.

Teoria e prática conjugam-se em suas discussões e deixam transparecer a historicidade do real de uma maneira, que eu ousou dizer, mágica. Ele tinha, de fato, a preocupação de passar a nova geração, com quem ele gostava tanto de se comunicar, a importância de um pensamento criativo que, sem perder o contato com os clássicos com os autores clássicos, Marx, Comte, Durkheim, Weber, entre outros, pelo contrário, buscando inspiração em suas respectivas obras. “Voltar aos clássicos”, ele dizia.

Alertava sempre para o fato de que a perda desse contato com os clássicos pode levar ao que ele chamava de “volúpia sintática” ou “delírio empirista” que, ao pretender um refinamento da teoria, acabam reduzindo-a a um “fetichismo conceitual” enquanto o método passa a ser visto como um complexo de exatidão. Suas análises revelam a preocupação com os significados dos conceitos utilizados por meio de uma análise objetiva do seu poder explicativo e limitações. Discutia os conceitos muitas vezes em pares, determinando-se um ao outro. A semana passada, comentando com um colega de graduação e pós-graduação sobre nossa experiência de aprendizagem com o Ianni, nos lembramos da clareza com que ele nos falava, nos anos 70, de dependência-imperialismo, desenvolvimento-subdesenvolvimento, economias centrais e periféricas entre outros. Eram essa sua clareza e seu empenho em ensinar a pensar que tanto atraíram os jovens pesquisadores que não perdiam suas falas e lotavam a sala nas reuniões científicas, como a SPBC, ANPOCS e outras das quais ele participava. Ianni era um mestre por convicção, por isso viverá para sempre entre os cientistas sociais que ajudou a formar, como nós, pesquisadores do CERU.

*Maria Helena Rocha Antuniassi*  
Profa. Titular da UNESP  
Pesquisadora do CERU/NAP/USP